



Arquidiocese de Natal
Coordenação Arquidiocesana de Pastoral
Projeto – Construção do Plano de Ação Pastoral Arquidiocesana
2026/2029



DIVISÃO DO DOCUMENTO:

-01- Objetivos

-02- Contexto cultural, social, histórico religioso e eclesial

-03- Iluminação teológica

-04- Propostas Evangelizadoras em eixos temáticos

- I. Eixo 1 – Missão e Evangelização
- II. Eixo 2 – Igreja e Sinodalidade
- III. Eixo 3 – Família e Juventude
- IV. Eixo 4 – Ação sociotransformadora

-01- OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Evangelizar, pelo anúncio de Jesus Cristo, como Igreja sinodal e missionária, fundada na Palavra e nos Sacramentos, testemunhando a fé, a esperança e a caridade; formando comunidades vivas de discípulos missionários, valorizando a piedade popular, fiel à evangélica opção preferencial pelos pobres e o cuidado com a Casa Comum, para que todos avancem no caminho da comunhão e da plenitude do Reino de Deus.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Eixo 1 – Missão e Evangelização

- a. Renovar o ardor missionário da Arquidiocese, evangelizando a cidade à luz da cultura urbana, atuando no ambiente digital, em resposta aos desafios contemporâneos.
- b. Valorizar a Palavra de Deus e a liturgia como fontes de vida e missão, estimulando a iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal.
- c. Formar comunidades de discípulos missionários, capazes de testemunhar o Evangelho na vida cotidiana, com especial atenção às famílias, juventudes e aos afastados da fé.

Eixo 2 – Igreja e Sinodalidade

- a. Fortalecer a sinodalidade e a cultura da escuta, da corresponsabilidade, da comunhão e da participação, por meio de assembleias, conselhos e demais organismos eclesiais.
- b. Promover a corresponsabilidade e protagonismo missionário dos fiéis leigos e leigas, com destaque para mulheres e juventudes.
- c. Estimular a formação de lideranças que integrem fé, espiritualidade e compromisso social, promovendo o diálogo ecumênico e inter-religioso.

Eixo 3 – Família e Juventude

- a. Promover a família como Igreja doméstica, oferecendo itinerários formativos permanentes para casais e famílias.
- b. Acompanhar as juventudes com projetos de escuta, formação integral e protagonismo missionário, inclusive no ambiente digital e universitário.
- c. Integrar pastoral familiar, juventude e vocações, favorecendo uma espiritualidade de comunhão e itinerários de discernimento vocacional.

Eixo 4 – Ação Sociotransformadora

- a. Incentivar iniciativas de educação integral e cidadania ativa, em sintonia com o Pacto Educativo Global.
- b. Fortalecer as Cáritas paroquiais e arquidiocesana como instrumentos de articulação da ação solidária e caritativa.
- c. Promover a ecologia integral, com ações concretas de cuidado da Casa Comum, participação em mutirões sociais e estímulo ao voluntariado.
- d. Ampliar parcerias com instituições públicas e privadas, organizações sociais para gerar oportunidades de inclusão social, formação profissional e protagonismo juvenil.

-02- CONTEXTO CULTURAL, SOCIAL, HISTÓRICO RELIGIOSO E ECLESIAL

1. Vivemos um tempo marcado por profundas transformações culturais, sociais e religiosas. Trata-se de uma verdadeira *mudança de época* (cf. DAp, 44), que altera as formas de crer, de se relacionar e de viver em comunidade. O avanço da cultura urbana, a secularização, o enfraquecimento dos vínculos intergeracionais e o impacto das novas tecnologias — especialmente nas relações familiares e juvenis — têm gerado uma experiência fragmentada da fé e da vida.

2. Deparamo-nos com grandes desafios: a falta de sentido existencial que aflige tantos jovens; o isolamento social, intensificado pela vivência predominantemente digital; o enfraquecimento do respeito às normas e regras; a busca hedonista por prazeres imediatos; e o materialismo, que para muitos se torna o centro e o objetivo da existência. Essas realidades nos interpelam e exigem de nós atitudes concretas e ações pastorais capazes de, ao menos, atenuar tais situações.

3. A indiferença religiosa, a dispersão comunitária, o individualismo crescente e a exclusão social desafiam permanentemente a missão evangelizadora da Igreja. Em não poucos contextos, as estruturas eclesiais se mostram pesadas e distantes das pessoas; muitos fiéis acabam se sentindo meros espectadores, e não protagonistas, da vida eclesial. Tal cenário evidencia a urgência de renovar os caminhos da participação, da escuta, comunhão e missão.

4. O Documento de Aparecida já advertia sobre essa realidade ao afirmar que “uma das grandes tentações da Igreja na América Latina é o clericalismo” (DAp, 193), que

restringe a corresponsabilidade e marginaliza os leigos. A *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* confirma esse diagnóstico ao reconhecer que “as estruturas eclesiais podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador” (EG, 26), denunciando a distância entre o povo e os processos de decisão na Igreja. Atento a essa realidade, o Papa Francisco propõe um novo estilo de ser Igreja: o da sinodalidade.

5. A *Carta Pastoral – Segundo o Coração do Bom Pastor* destaca alguns desses desafios urgentes para a caminhada sinodal: as mudanças culturais e sociais; os impactos da cultura digital; a evangelização nas cidades; e a cultura do consumo e do individualismo. Não podemos permanecer inertes diante desses sinais dos tempos. O mundo está em constante transformação: mudam-se os costumes, as formas de pensar, crer, viver e comunicar-se. Cabe à Igreja, fiel à sua missão, discernir e responder a essas mudanças com ousadia, criatividade e fidelidade ao Evangelho.

Cultura Urbana

6. A cidade apresenta grandes desafios: ritmo acelerado, isolamento, secularismo e pluralismo religioso. A ação pastoral tradicional, marcada por uma mentalidade rural e, por vezes, por posturas de cunho feudal, já não alcança plenamente as pessoas. Evangelizar no contexto urbano exige reconstruir vínculos, formar comunidades vivas e abertas, caminhar com os fiéis, escutando suas dores e esperanças, valorizando a participação de todos.

7. O modelo de vida predominante nas cidades frequentemente promove o individualismo, a indiferença e a busca de prazeres imediatos, esvaziando a fé de seu sentido comunitário e de sua dimensão caritativa. Muitos, especialmente jovens, se afastam de Deus, buscando sentido em propostas vazias. Uma Igreja comprometida com o caminho sinodal oferece como antídoto ao individualismo dominante a vida comunitária, o serviço e a solidariedade.

8. A Igreja não pode permanecer inerte. Precisa reconhecer essas mudanças e discernir novas respostas pastorais, sem perder a fidelidade ao Evangelho. Uma Igreja sinodal parte da realidade concreta do povo e busca, com ele, respostas novas por meio da escuta e do discernimento comunitário.

9. A internet, hoje, não é apenas uma ferramenta, é um verdadeiro ambiente de vida, onde se criam vínculos, se compartilham ideias e se moldam visões de mundo. Contudo, ela também apresenta riscos sérios: superficialidade nas relações, desinformação, polarização ideológica e fragilidade espiritual. É, portanto, fundamental que a Igreja esteja presente nesse “continente digital” com linguagem acessível, escuta verdadeira e espírito de comunhão.

10. Há 60 anos, o Concílio Vaticano II já identificava esse fenômeno. A *Gaudium et Spes* afirma: “Aumentam também a preferência e a busca da vida urbana, quer pelo aumento das cidades e do número de seus habitantes, quer pela difusão do gênero de vida urbana entre os camponeses.” (GS, 6)

11. E acrescenta: “A industrialização, a urbanização e outras causas que favorecem a vida comunitária criam novas formas de cultura, de que resultam novas maneiras de sentir, de agir e de utilizar o tempo livre; o aumento do intercâmbio entre os vários povos e grupos sociais revela mais amplamente a todos e a cada um os tesouros das várias formas de cultura, preparando-se deste modo, progressivamente, um tipo mais

universal de cultura humana, a qual tanto mais favorecerá e expressará a unidade do gênero humano, quanto melhor souber respeitar as peculiaridades das diversas culturas.” (GS, 54)

12. Sempre, a Igreja olha para o mundo urbano com o grande desafio de compreender os movimentos culturais que nele emergem, para assim promover uma evangelização cheia de vida, contextualizada historicamente e atenta ao espaço geográfico em que se insere.

13. Na América Latina, as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM) vêm realizando, desde antes do Concílio, uma leitura atenta dos cenários e desafios próprios da região. As cinco Conferências — Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007) — formam um caminho histórico que precisa ser compreendido em sua totalidade.

14. Aparecida recorda que, no tempo do descobrimento, “o encontro de culturas foi dramático e desigual” (DAp, 4), mas que “as ‘sementes do Verbo’ presentes nas culturas autóctones facilitaram a nossos irmãos indígenas encontrarem no Evangelho respostas vitais às suas aspirações mais profundas” (DAp, 4, citando Puebla). Esse diálogo entre fé e cultura permanece atual: a tensão entre a cultura católica e a cultura contemporânea urbana precisa ser bem modulada para tornar o anúncio do Evangelho mais eficaz. Não podemos continuar respondendo a perguntas que já não são feitas.

15. Compreender a cultura urbana não significa ceder aos seus encantos, mas desafiar-se a encontrar caminhos novos para levar a mensagem evangélica a todos. O Documento de Aparecida insiste nesse ponto: a palavra “cultura” e termos relacionados (como “inculturação”) aparecem mais de 260 vezes. Afirma: “A fé só é adequadamente professada, entendida e vivida quando penetra profundamente no substrato cultural de um povo” (DAp, 477, citando São João Paulo II). “O encontro da fé com as culturas as purifica, permite que desenvolvam suas virtualidades e as enriquece, pois todas elas procuram, em última instância, a verdade, que é Cristo (Jo 14,6).” (DAp, 477)

16. Aparecida também denuncia que o “pluralismo de ordem cultural e religiosa, propagado fortemente por uma cultura globalizada, acaba por erigir o individualismo como característica dominante da atual sociedade, responsável pelo relativismo ético e pela crise da família” (DAp, 479). O individualismo é, de fato, marca das grandes cidades. Edgar Allan Poe, já em 1840, no conto *O homem na multidão*, alertava para esse fenômeno que hoje se tornou ainda mais evidente: nas metrópoles, muitas vezes não conhecemos sequer o vizinho, e os vínculos se tornam frágeis ou inexistentes.

17. No caso do Brasil, as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023* já destacavam, em seu objetivo geral, que vivemos em um país cada vez mais urbano: “O mundo urbano atual, cuja mentalidade está presente na cidade e no campo, embora marcado por contradições e desafios, é lugar da presença de Deus, espaço aberto para a vivência do Evangelho” (DGAE 2019-2023, 10).

18. E acrescentam: “Ao contemplar as cidades com inúmeros desafios, o olhar dos discípulos missionários identifica, de imediato, muitas formas de sofrimento [...]. São dores que afligem o mundo como um todo, porém se manifestam de modo mais intenso nas cidades.” (DGAE 2019-2023, 30)

19. Em sua *Carta Pastoral, Segundo o Coração do Bom Pastor*, nosso Arcebispo também aborda o tema da cultura urbana: “Outro campo desafiador é o da evangelização da cidade. A vida urbana, com seu ritmo acelerado, a fragmentação das relações, o pluralismo religioso e a crescente secularização, exige de nós uma pastoral ousada, criativa, acolhedora e bem articulada. Não basta reproduzir modelos pastorais de inspiração rural; é preciso compreender a cidade em sua complexidade, escutar seus clamores, acolher suas feridas e discernir seus sinais de esperança. As pessoas nas cidades vivem entre ‘ilhas’ — casa, trabalho, lazer, consumo — e, muitas vezes, sofrem com o anonimato e a solidão. Nesse contexto, nossa missão é construir comunidades de fé vivas, próximas, abertas, capazes de gerar vínculos verdadeiros e duradouros.”

Cultura Digital

20. Não resta dúvida de que os ambientes digitais são os *areópagos* modernos, que demandam investimento sério e contínuo para a evangelização. Compreender o fenômeno da cultura digital deixou de ser uma opção para tornar-se uma necessidade urgente na caminhada missionária da Igreja.

21. O *Digital 2025 Global Overview Report* da DataReportal apresenta números significativos:

- 5,78 bilhões de pessoas utilizam telefones celulares — 70,5% da população mundial;
- 5,56 bilhões estão conectados à internet;
- 5,24 bilhões (63,9% da população global) usam redes sociais.

22. Embora a taxa de crescimento anual de usuários de internet não seja a mais alta da história, ela continua sendo impressionante e relevante para a evangelização. Quanto ao uso da rede, 63% dos usuários afirmam acessá-la para buscar informações e pouco mais de 60% para manter contato com familiares e amigos. O tempo médio global de uso diário é de 6h30min por pessoa, índice estável desde 2022.

23. No Brasil, os números são ainda mais expressivos:

- 183 milhões de pessoas usam a internet (86,2% da população);
- o tempo médio diário de uso é de 9h09min por pessoa, somando atividades laborais e recreativas;
- a principal motivação é a busca de informações (78%), seguida pela procura de tutoriais e conteúdos práticos, e só então pelo contato social;
- 67,99% dos acessos são feitos por *smartphones*.

24. Esses dados revelam que vivemos num mundo — e num país — totalmente conectado, no qual a Igreja é desafiada a anunciar o Evangelho dentro de uma nova ética digital, marcada pela interação constante entre humanos e máquinas inteligentes. Nosso Arcebispo recorda que: “O mundo digital impõe novos desafios e oportunidades à Igreja, chamada a anunciar o Evangelho no coração desse novo ambiente relacional e cultural. [...] O que está em jogo não é apenas uma transformação técnica, mas uma profunda mutação antropológica e relacional. Mais do que adotar novos instrumentos de comunicação, trata-se de discernir uma nova cultura, que redefine os vínculos humanos e os modos de viver a fé.”

25. Hoje, não há mais separação entre “espaço real” e “espaço virtual” — tudo está interligado. O filósofo Luciano Floridi denomina esse novo ecossistema de *infosfera*: um

ambiente único onde interagimos, trabalhamos, aprendemos, rezamos e nos relacionamos.

26. Contudo, como alerta Byung-Chul Han, vivemos a passagem de uma “massa” para um “enxame digital”: indivíduos conectados, mas não reunidos; singularizados, mas sem o sentido de um “nós”. Essa lógica contrasta com a essência do cristianismo, que nasce e se alimenta da comunhão: “*Que todos sejam um*” (Jo 17,21-23).

27. A Igreja reconhece e valoriza o potencial criativo humano no campo da ciência e da tecnologia. O documento *Antiqua et nova*, sobre inteligência artificial e inteligência humana, afirma: “A Igreja incentiva o avanço da ciência, da tecnologia, das artes e de todos os outros empreendimentos humanos, considerando-os parte da ‘colaboração do homem e da mulher com Deus no aperfeiçoamento da criação visível’. [...] As capacidades e a criatividade humanas provêm d’Ele e, quando usadas com sabedoria, glorificam-No como reflexo da Sua sabedoria e bondade.”

28. Nesse contexto, o avanço da Inteligência Artificial apresenta novas oportunidades e riscos. É preciso discernir seu uso não apenas no estado atual, mas também à luz dos avanços previstos, para que ela seja instrumento de serviço, e não de dominação, e para que a evangelização alcance o “homem novo”, permanentemente conectado e inserido na cultura digital.

29. A missão da Igreja, portanto, é entrar com coragem e discernimento nesses novos areópagos, fazendo-se presente com linguagem compreensível, escuta verdadeira, testemunho coerente e espírito de comunhão — para que também na *infosfera* ressoe a Boa Nova de Cristo.

Os Dados Censitários de 2022 e as Interpelações Pastorais¹

30. O recente Censo Demográfico de 2022 nos oferece um retrato detalhado e interpelador da configuração religiosa do Brasil e, em particular, do Estado do Rio Grande do Norte. Longe de nos desanimar, esses dados devem ser lidos à luz da fé, com realismo pastoral e esperança evangélica. Eles indicam uma mudança importante no panorama religioso nacional e estadual, ao mesmo tempo em que reforçam aspectos centrais da identidade do povo brasileiro: a religiosidade, o senso de transcendência e a busca por Deus permanecem marcadamente presentes.

31. O Brasil continua sendo um país profundamente religioso. Quase 91% da população brasileira declarou ter alguma forma de vinculação religiosa. Mesmo entre os que se dizem “sem religião” (9,28% da população) há muitos que creem em Deus e vivenciam práticas espirituais fora do contexto institucional. Esse grupo, por vezes denominado “desigrejado”, não pode ser simplesmente identificado com o ateísmo, que representa uma fração ínfima da população.

32. No Rio Grande do Norte, a proporção de pessoas sem religião é ainda menor (7,42%), o que demonstra que, mesmo com mudanças de pertencimento, a experiência religiosa continua sendo uma dimensão fundamental da identidade do povo potiguar.

33. O Brasil é, ainda, um país majoritariamente católico. Os dados apontam que 56,7% da população brasileira se declara católica, enquanto no Rio Grande do Norte esse

¹ Dom João Santos Cardoso

percentual é mais elevado: 67,01%, o quinto maior do país. Contudo, os números indicam uma tendência clara de declínio. Em 2000, os católicos potiguares eram 83,58%; em 2010, 75,96%; e em 2022, caíram para 67,01%, uma redução de quase 9 pontos percentuais na última década.

34. A cidade de Natal ilustra com clareza essa transformação. A capital da nossa Arquidiocese, que em 2000 era majoritariamente católica (mais de 83%), apresenta hoje apenas 58,63% de católicos. Já em municípios como Baía Formosa, os evangélicos já ultrapassam os 34%.

35. O crescimento das igrejas evangélicas, que começou de forma mais intensa nas décadas anteriores, segue avançando, embora com desaceleração. No Brasil, os evangélicos passaram de 21,6% em 2010 para 26,9% em 2022. No Rio Grande do Norte, passaram de 15,4% (2010) para 21,42% (2022). Entretanto, o crescimento foi menor que o observado na década anterior. Esse novo ritmo pode estar relacionado, como apontam alguns estudos, ao desgaste provocado pela excessiva politização de segmentos evangélicos e à busca, por parte de fiéis, de comunidades mais acolhedoras, menos polarizadas e mais centradas na espiritualidade.

36. Considerando a variável da idade, verifica-se que a maioria dos católicos está nas faixas mais avançadas, enquanto os evangélicos predominam entre os mais jovens. É também nas áreas urbanas e nas regiões marcadas por maior mobilidade social e fluxo turístico — como Natal, Parnamirim, São Gonçalo do Amarante e Baía Formosa — que o catolicismo tem perdido mais espaço. Esses sinais evidenciam a necessidade urgente de uma pastoral urbana, missionária e criativa. É imprescindível uma Igreja mais próxima, que escute, acolha e dialogue com as novas gerações e com aqueles que vivem nas periferias geográficas e existenciais.

37. O perfil dos católicos potiguares revela uma predominância de adultos entre 30 e 59 anos, com níveis de escolaridade e acesso à internet inferiores à média nacional. Mais da metade reside em domicílio próprio (52,1%), o que favorece uma atuação pastoral territorializada. No entanto, persistem bolsões de exclusão digital e educacional que exigem ações sociais mais incisivas por parte da Igreja e reforçam a urgência da implementação do pacto pela educação.

38. Ao mesmo tempo, observa-se que entre os mais escolarizados (ensino superior), a adesão ao catolicismo permanece relevante. Isso aponta para a urgência de uma pastoral centrada na Palavra de Deus, que nutra o pensamento crítico, a maturidade da fé e o entusiasmo apostólico.

39. O Sínodo Arquidiocesano de Natal, atualmente em curso, se apresenta como resposta concreta a essa realidade desafiadora. A missão da Igreja não é competir, mas compreender e cuidar dos que professam a fé católica. É escutar as vozes do povo, também daqueles que não estão mais em nossas igrejas, e deixar-se interpelar pelo Espírito que sopra onde quer.

40. A resposta aos dados censitários deve vir por meio de uma renovada conversão pastoral: formação sólida dos ministros ordenados e leigos; aposta na juventude; evangelização da família; presença corajosa nos meios digitais; valorização das iniciativas e experiências comunitárias; cultivo da espiritualidade e do testemunho de vida. A nossa pastoral precisa ser mais missionária, mais próxima, mais personalizada, que escute, que toque e inflame o coração das pessoas.

41. Em um país plural, é essencial promover o ecumenismo e o diálogo inter-religioso. A pluralidade religiosa é uma riqueza, mas requer respeito mútuo. A Igreja deve ser sinal de unidade, não de divisão. Precisamos rejeitar as polarizações religiosas e ideológicas e reafirmar o centro da nossa fé: o anúncio do Reino de Deus e o seguimento de Jesus Cristo.

42. Os dados do Censo 2022 não são apenas estatísticas: são rostos, histórias, movimentos espirituais. Interpelam-nos a reencantar a fé, reacender o ardor missionário e renovar a presença da Igreja nas casas, nos corações e nos caminhos do povo potiguar. Como discípulos missionários, somos chamados a semear com confiança, escutar com humildade e anunciar com alegria. O tempo é de esperança, conversão e ação!

Família e juventude

43. A realidade atual interpela com força a missão evangelizadora junto às famílias e às juventudes, desafiando a Igreja a “alargar o espaço da tenda” (cf. Is 54,2). O contexto sociocultural contemporâneo, marcado por profundas transformações nos modos de ser família e nos percursos juvenis, exige da ação pastoral discernimento, criatividade e ousadia missionária.

As famílias, em sua diversidade de configurações, carregam o peso das instabilidades econômicas, do excesso de trabalho, da precarização das relações afetivas e da solidão urbana. Muitas não encontram na comunidade eclesial o apoio necessário para viver sua vocação de “Igreja doméstica”. Persistem lacunas pastorais no acompanhamento dos casais — especialmente após o matrimônio — e um distanciamento entre a vida familiar e a ação evangelizadora. Soma-se a isso a ausência de uma cultura de corresponsabilidade entre pais, catequistas e comunidade.

44. As juventudes, por sua vez, enfrentam um mundo marcado por incertezas, desemprego, violência, desesperança e falta de acolhida por parte das instituições religiosas. Embora sedentos de sentido e de experiências significativas, muitas vezes são deixados à margem dos processos decisórios e organizativos da vida eclesial.

45. A cultura digital, com suas luzes e sombras, redefine as formas de socialização e de construção de identidade, exigindo da Igreja novas linguagens e práticas capazes de dialogar com este ambiente plural e, ao mesmo tempo, polarizado. A indiferença ou a desafeição institucional que se observa não representa necessariamente rejeição ao Evangelho, mas revela a necessidade de testemunhos mais coerentes, encarnados e próximos da vida real.

46. A tenda — símbolo que adotamos — deve ser lugar de encontro, escuta, acolhimento e fecundidade. Contudo, a experiência pastoral em muitas comunidades ainda carece de processos verdadeiramente inclusivos, sinodais e compassivos para com as juventudes e famílias em situação de vulnerabilidade. A infância, os desafios enfrentados pelas famílias através da pobreza, violência, instabilidade, faz com que a mãe saia de casa para colaborar, desta forma, os filhos menores ficam sozinhos ou na maioria das vezes à mercê da cultura digital, e sem nenhuma orientação (cf. DC 238) É urgente romper com o clericalismo e com modelos hierárquicos autorreferenciais, avançando para comunidades missionárias que caminhem *com* e não apenas *por* esses sujeitos eclesiais (cf. DGAE, 2.1; Doc. 105, 119).

-03- ILUMINAÇÃO TEOLÓGICA

Sinodalidade

47. A participação nas ações evangelizadoras da Igreja é um mandato recebido por todos os batizados. No Batismo, somos chamados à santidade e enviados em missão para convidar todos os povos a acolher o dom da salvação. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* é clara ao afirmar: “Aprove a Deus santificar e salvar os homens não individualmente, excluía qualquer ligação entre eles, mas constituí-los num povo que o conhecesse na verdade e o servisse santamente” (LG, 9).

48. Somos, portanto, exortados a caminhar juntos na fé, rumo à nossa cidadania celeste, como recorda o apóstolo Paulo (Fl 1,27-30). Embora vivamos na terra, nossa verdadeira pátria está no céu. Isso nos impele a viver segundo os valores do Reino de Deus — justiça, amor, paz e bondade — mesmo em meio às dificuldades, polarizações e tensões do mundo atual. Conduzir todo o Povo de Deus na perspectiva sinodal, segundo os princípios da comunhão, participação e missão, é dever de toda a Igreja.

49. Os sacramentos nos inserem e nos sustentam nesta caminhada. Uma Igreja verdadeiramente sinodal vive deles e deles se alimenta: “O Povo de Deus a caminho do Reino é continuamente alimentado pela Eucaristia, fonte de comunhão e unidade.” Vivificada pela graça, a Igreja é templo do Espírito Santo, que a anima e edifica.

50. A sinodalidade é essência da vida eclesial e não se sustenta em atitudes isoladas ou autorreferenciais. A *Carta Pastoral – Segundo o Coração do Bom Pastor*, de Dom João, afirma:

“O sacerdócio está intrinsecamente ligado à comunhão e unidade. O padre é cooperador do bispo e não governa sozinho, mas caminha com o povo, exercendo o ministério como serviço partilhado.”

51. Isso significa que o ministério ordenado é chamado a promover a unidade da Igreja, cultivando a escuta, o diálogo e a corresponsabilidade. A sinodalidade não é apenas um modelo organizacional ou um plano pastoral, mas uma forma de ser Igreja: alimentada pela oração, pela escuta mútua e pela abertura ao Espírito Santo. Supõe um sentimento profundo de pertença, que nos faz reconhecer que somos todos irmãos e membros da mesma família de Deus.

52. Para viver a missão evangelizadora, todos — e, de modo especial, os presbíteros — devem promover a sinodalidade nas relações com o povo e entre si. Um presbitério unido ao redor do bispo é sinal eficaz de uma Igreja que anuncia e acolhe. A unidade e a fraternidade entre os padres testemunham a comunhão à qual toda a Igreja é chamada e fortalecem o dinamismo missionário e participativo da comunidade.

53. Segundo o Papa Francisco, a sinodalidade é “o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (Discurso pelos 50 anos do Sínodo dos Bispos, 2015). Ela se fundamenta na própria Trindade: o Pai convoca, o Filho caminha conosco e o Espírito Santo guia e impulsiona. Trata-se de um estilo eclesial, de uma espiritualidade e de uma prática pastoral que envolvem todo o Povo de Deus no discernimento e na missão.

54. O Documento Final do Sínodo dos Bispos afirma que uma Igreja sinodal é aquela que escuta, dialoga e decide em comunhão — especialmente dando voz aos que estão nas periferias geográficas e existenciais. A *Evangelii Gaudium* lembra que “a

evangelização requer a paciência de escutar” (EG, 171) e um coração aberto ao Espírito. O Documento de Aparecida reforça: “não se pode evangelizar sem entrar em comunhão” (DAp, 158).

55. Ser uma Igreja sinodal é muito mais do que realizar assembleias ou consultas ocasionais. É garantir que leigos, religiosos e ministros ordenados participem ativamente com seu bispo do discernimento pastoral e das decisões, com abertura ao Espírito e fidelidade ao Evangelho. Por isso, investir nos organismos de comunhão e participação — conselhos, assembleias e equipes missionárias — é um dos caminhos mais promissores para implementar rapidamente as orientações sinodais e gerar mudanças concretas.

56. Um Conselho Pastoral Paroquial atuante deve ser espaço de reflexão, diálogo, escuta e proposição, ajudando o pároco a conduzir com convicção a ação evangelizadora. Um Conselho Econômico bem estruturado deve ser fórum de decisões colegiadas, pautadas pelo discernimento e pela boa administração dos bens temporais da Igreja, sempre a serviço da missão.

57. A atenção especial às crianças, jovens, idosos e mulheres — não apenas como destinatários da ação pastoral, mas como protagonistas — é imprescindível. Todos têm algo a oferecer e podem, com seus dons e carismas, contribuir decisivamente para a caminhada evangelizadora da Igreja, tanto no âmbito arquidiocesano quanto paroquial.

58. Uma Igreja sinodal conduz todos à realização pessoal e comunitária. O Papa Francisco expressa este ideal: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo... para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda estrutura eclesial se tornem canal mais adequado para a evangelização do mundo atual” (*Evangelii Gaudium*, 27).

59. E acrescenta: “Muitas vezes é nas comunidades mais humildes e simples que o Espírito Santo revela caminhos novos” (*Evangelii Gaudium*, 51). Olhar para essas comunidades e investir nelas é prioridade para uma Igreja que deseja caminhar junto, fortalecendo espaços de comunhão e participação.

-04- PROPOSTAS EVANGELIZADORAS EM EIXOS TEMÁTICOS

Eixo 1: MISSÃO E EVANGELIZAÇÃO

60. A passagem de Paulo por Atenas oferece preciosas lições para discernirmos os tempos e orientarmos a ação evangelizadora da Igreja (cf. At 17,15.22–18,1), em contextos culturais e geográficos aparentemente distantes do Evangelho.

61. Atenas, então, era um centro de cultura e saber. Paulo, atento à realidade local, inicia seu discurso com uma ponte cultural: “Passando e observando os vossos lugares de culto, encontrei também um altar com esta inscrição: ‘Ao Deus desconhecido’. Pois bem, esse Deus que vós adorais sem conhecer é exatamente aquele que eu vos anuncio” (v. 23).

62. Nesse gesto, vemos um modelo de diálogo entre fé e cultura: Paulo parte de um elemento presente no imaginário ateniense para anunciar a novidade do Evangelho.

63. O contexto filosófico da época, marcado pela dualidade entre corpo e alma e pelo desprezo à matéria, acolheu grande parte da mensagem paulina, mas resistiu ao anúncio da ressurreição.

64. O Cardeal Odilo Pedro Scherer comenta: "Muitas vezes, a verdade da fé choca a cultura quando essa se baseia apenas em fundamentos humanos. A verdade do Evangelho, porém, ilumina a cultura e a convida para ir além de si e a não ficar presa dentro dos seus próprios limites."

65. Essa reflexão sublinha o desafio permanente: entrar na cultura para iluminá-la, e não para nos conformarmos a ela. No cenário atual, enfrentamos duas tentações opostas: (1) **Não inovar** nos métodos pastorais, mantendo práticas repetidas há séculos, movidos por uma "retrotopia" que idealiza o passado. (2) **Inovar sem discernimento**, deixando-nos conduzir unicamente pela cultura dominante e relativizando o conteúdo da fé.

66. O Papa Francisco, no XXV Capítulo Geral dos Missionários Claretianos (2015), advertiu: "Os intelectuais de vocês devem ir à fronteira, abrir caminhos. Procurar. Isto é, não permanecer parados. Porque quem está parado, quem não se move, se apodrece. Como a água: a água parada estraga. A água do rio que corre se renova. Caminhar como caminhou Deus, que se fez companheiro de caminho."

67. Evangelizar, portanto, exige equilíbrio: inserir-se na cultura para dialogar, mas sempre apresentando a verdade do Evangelho. Paulo não se limitou a ganhar a simpatia dos filósofos atenienses; proclamou a ressurreição de Jesus como núcleo da fé cristã. Essa verdade, mesmo encontrando resistências, gerou frutos: "Houve, porém, alguns que aderiram a ele e abraçaram a fé; entre eles, Dionísio, o areopagita, uma mulher chamada Dâmaris e outros com eles" (At 17,33b).

68. Assim também hoje, a missão e a evangelização da Igreja devem conjugar fidelidade ao conteúdo da fé e criatividade pastoral, para que o anúncio de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, continue a transformar pessoas, culturas e sociedades.

O Que Fazer

69. Há um conjunto de ações que somos chamados a realizar para entrar no contexto da cultura urbana e lá evangelizar. Uma sequência pode ser encontrada nos passos a seguir.

1. Entender o contexto urbano

- a. Antes de qualquer ação evangelizadora, é essencial compreender a realidade da cidade:
 - i. Diversidade cultural e religiosa - nas cidades convivem católicos, evangélicos, espíritas, ateus, agnósticos, judeus, muçulmanos, adeptos de religiões afro-brasileiras, entre outros.
 - ii. Pressões urbanas: estresse, solidão, violência, trânsito, crise de identidade e superficialidade nas relações.
 - iii. Fragmentação social: a cidade é marcada por bolhas — grupos sociais que dificilmente se cruzam.

2. Evangelização relacional

- a. Testemunho pessoal autêntico: mais do que discursos, as pessoas se interessam por vidas transformadas.
- b. Hospitalidade urbana: abrir o lar, o tempo e o coração para criar laços genuínos.
- c. Escuta ativa: ouvir mais do que falar; compreender as dores, dúvidas e esperanças das pessoas.

3. Aproveitar os espaços digitais

- a. A cultura urbana é altamente conectada. O evangelho pode ser comunicado por meio de:
- b. Redes sociais (Instagram, TikTok, YouTube)
- c. Podcasts e vídeos curtos
- d. Influenciadores cristãos com linguagem acessível
- e. Projetos criativos como arte urbana digital e conteúdo colaborativo

4. Encarnar o evangelho na cidade

- a. Igreja como presença transformadora: não só um lugar de culto, mas um agente de paz, justiça e serviço.
- b. Ações sociais e culturais: projetos em comunidades, eventos culturais, grupos de apoio, educação, arte.
- c. Vocação e profissão como missão: cristãos vivendo sua fé em todas as áreas da vida — trabalho, escola, política, cultura etc.

5. Usar linguagem contextualizada

- a. Falar do evangelho com clareza, empatia e relevância — conectando com temas como:
 - i. Justiça social
 - ii. Propósito de vida
 - iii. Saúde mental
 - iv. Sustentabilidade
 - v. Relações interpessoais

6. Formar comunidades missionárias

- a. Pequenos grupos que se reúnem em casas, cafés, universidades ou até online para viver o evangelho juntos.
- b. Comunidades que se envolvem com a cidade, amam seus vizinhos e vivem a fé de forma prática e relacional.

Missão no Ambiente Digital

70. Diante do avanço das *Rerum Digitalium*, a Igreja é chamada a discernir e elaborar estratégias de evangelização que dialoguem com o homem contemporâneo, marcado pelo individualismo característico do “enxame digital”.

71. Como afirma nosso Arcebispo: “A evangelização, nesse contexto, exige mais do que simples presença nas redes sociais; requer escuta, diálogo e a capacidade de comunicar o Evangelho com autenticidade e linguagem adequada. [...] Não se trata de apenas adotar novas ferramentas, mas de compreender que estamos diante de uma mudança de paradigma comunicacional. A cultura digital introduz novas linguagens, códigos, narrativas e modos de construção do sentido. Exige, portanto, uma nova pedagogia da evangelização, que saiba utilizar os recursos visuais e narrativos com os quais as novas gerações estão familiarizadas, promovendo experiências significativas de fé. [...] A

cultura digital não dispensa o testemunho. Mais do que transmissões e conteúdos, ela requer testemunhas críveis da fé, que comuniquem com a vida aquilo que professam com os lábios.”

72. Nesse horizonte, a missão da Igreja no ambiente digital deve ir além da difusão de mensagens. É preciso fazer das redes sociais e demais plataformas digitais espaços de encontro, solidariedade e esperança, capazes de promover a dignidade humana e o diálogo respeitoso.

A comunicação eclesial nas redes não é um adorno ou acessório da missão, mas parte integrante da essência evangelizadora. Ao anunciar o Evangelho no ambiente digital com criatividade, proximidade e credibilidade, a Igreja não apenas amplia seu alcance, mas também contribui para a humanização desse espaço, tornando-o um verdadeiro lugar de comunhão e testemunho cristão.

O que fazer:

1. Presença intencional nas redes sociais

- a. Publicar conteúdos edificantes: Versículos, reflexões, testemunhos, vídeos curtos, reels, carrosséis com mensagens bíblicas.
- b. Responder com empatia: Engajar nos comentários ou mensagens diretas com respeito, paciência e sabedoria.
- c. Mostrar o evangelho com a vida: Demonstrar coerência entre o que se crê e o que se vive.

2. Produção de conteúdo digital

- a. Podcasts cristãos: Estudo bíblico, debates teológicos, histórias de fé
- b. Blogs ou newsletters: Textos sobre espiritualidade, cultura e fé cristã no mundo atual.
- c. Canal no YouTube ou lives: Pregações, devocionais, Q&A com temas relevantes para cristãos e não cristãos.

3. Plataformas e aplicativos

- a. Criar ou divulgar apps bíblicos: Como a Bíblia online, aplicativos de discipulado, oração ou leitura diária.
- b. Usar grupos no WhatsApp/Telegram: Para oração, estudos bíblicos, devocionais e acompanhamento espiritual.
- c. Criar APP's para crianças com a vida dos santos, jogos e atividades bíblicas.

4. Evangelismo digital estratégico

- a. Campanhas online: Criar eventos, desafios ou séries temáticas evangelísticas.
- b. SEO e tráfego pago: Otimizar conteúdos para que pessoas que buscam sentido, espiritualidade ou ajuda encontrem o evangelho.
- c. Missões digitais: Engajar em fóruns, comunidades online ou jogos, levando o evangelho em linguagem apropriada.

5. Formação e discipulado online

- a. Cursos bíblicos gratuitos: Plataformas como Moodle, Google Classroom ou sites próprios.
- b. Discipulado via videochamada: Acompanhamento espiritual híbrido, via Zoom, Google Meet etc.

6. Testemunho pessoal

- a. Compartilhar sua história: Em vídeos curtos, posts ou em conversas informais online.
- b. Autenticidade e vulnerabilidade: Mostrar como Deus age mesmo em meio às lutas.

7. Cooperação com igrejas e ministérios

- a. Apoiar iniciativas online de evangelização.
- b. Desenvolver ministérios digitais locais: Incentivar igrejas a terem presença e atuação digital relevante.

Eixo 2: IGREJA E SINODALIDADE

73. Assumir a sinodalidade como modo de ser Igreja implica traduzir este princípio em ações concretas e permanentes. É necessário fortalecer os espaços reais de escuta e participação nas paróquias, comunidades e dioceses, garantindo que os conselhos pastorais e econômicos sejam autênticas instâncias de corresponsabilidade e discernimento, e não meras formalidades.

74. A formação de lideranças leigas — com atenção especial às mulheres e aos jovens — é urgente para assegurar uma Igreja que reconhece, valoriza e integra todos os seus membros na vida e na missão.

75. Inspirados pelo espírito do Papa Francisco de *caminhar juntos*, somos chamados a cultivar uma cultura do encontro e a colocar o discernimento comunitário no centro da vida pastoral. Isso supõe:

- Realizar assembleias sinodais locais;
- Escutar com atenção os pobres, marginalizados e excluídos;
- Abrir-se ao diálogo ecumênico e inter-religioso como expressão concreta de uma Igreja em saída, atenta aos sinais dos tempos.

76. A sinodalidade não é um evento isolado, mas um processo contínuo que exige perseverança, humildade e conversão pastoral. É necessário construir comunidades vivas, participativas e missionárias, onde todos se sintam acolhidos, valorizados e enviados para a missão.

77. A Igreja sinodal, sonhada pelo Papa Francisco e iluminada pela *Evangelii Gaudium*, pelo Documento de Aparecida e pelas reflexões do Sínodo dos Bispos, é Igreja de comunhão, participação e missão. Ela é resposta profética aos desafios de nosso tempo e apelo à conversão das estruturas, das mentalidades e dos corações.

78. Ver a realidade, julgar à luz da fé e agir com coragem e esperança são passos essenciais para trilharmos o caminho da verdadeira renovação eclesial. “O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milênio” (Papa Francisco).

O que fazer:

1. Fortalecer os Espaços de Escuta e Participação

- a. Promover assembleias paroquiais e diocesanas regulares, com escuta aberta de todos os membros da comunidade, inclusive os mais simples e os que estão nas periferias.

- b. Garantir que os Conselhos Pastorais e Econômicos sejam efetivos, com reuniões periódicas, escuta ativa e decisões colegiadas.
- c. Criar canais de escuta permanente (presenciais e digitais), onde os fiéis possam expressar sugestões, dúvidas e preocupações.

2. Investir na Formação para a Sinodalidade

- a. Oferecer formação continuada sobre sinodalidade para padres, religiosos(as), lideranças leigas e conselhos paroquiais.
- b. Incluir o tema da sinodalidade nos itinerários catequéticos e de formação de novos ministros e lideranças.
- c. Estimular escolas de fé e cidadania, unindo espiritualidade e participação ativa na vida da Igreja e da sociedade.

3. Promover a Corresponsabilidade e Superar o Clericalismo

- a. Estimular a valorização do papel dos leigos, especialmente das mulheres e dos jovens, em funções de liderança e tomada de decisões.
- b. Fomentar um espírito de serviço nos ministros ordenados, cultivando a humildade, o diálogo e a escuta.
- c. Estabelecer critérios sinodais para a escolha e envio de lideranças, com base na comunhão, capacidade de escuta e espírito missionário.

4. Reorganizar a Pastoral com Espírito Missionário e Sinodal

- a. Reorientar os planos pastorais paroquiais e diocesanos com base no princípio da sinodalidade: ver, escutar, discernir e agir em conjunto.
- b. Incentivar o trabalho em rede entre pastorais, movimentos e serviços, superando a fragmentação e promovendo integração e comunhão.
- c. Criar equipes de animação missionária sinodal, que favoreçam o "ir ao encontro", com um olhar de escuta e discernimento.

5. Tornar a Comunidade um Espaço de Acolhida e Diálogo

- a. Estabelecer práticas concretas de acolhida nas celebrações e reuniões, com atenção aos novos, aos afastados e aos que sofrem.
- b. Desenvolver iniciativas de diálogo ecumênico e inter-religioso.
- c. Promover momentos de espiritualidade comunitária, que ajudem a viver a sinodalidade como dom do Espírito, especialmente em retiros e encontros de oração.

6. Avaliar e Celebrar o Caminho Percorrido

- a. Estabelecer processos periódicos de avaliação participativa, envolvendo toda a comunidade nos discernimentos pastorais.
- b. Celebrar os frutos da sinodalidade com ritos e celebrações litúrgicas, reconhecendo a presença do Espírito Santo no caminho percorrido.
- c. Tornar públicas as decisões e os encaminhamentos, promovendo a transparência e a corresponsabilidade.

Eixo 3: FAMÍLIA E JUVENTUDE

79. A realidade local da Arquidiocese de Natal, como evidenciam as Orientações Pastorais anteriores, confirma o cenário de desafios e oportunidades e reforça a urgência de promover uma espiritualidade de comunhão, integrando as ações das diversas pastorais com foco nos sujeitos da missão. O chamado à sinodalidade

manifesta o compromisso da Igreja em escutar, incluir e valorizar famílias e jovens como protagonistas do Reino.

80. À luz da fé, compreendemos que família e juventude não são apenas destinatárias da missão, mas sujeitos ativos da evangelização. O mandato de Jesus — “*Ide e fazei discípulos*” (Mt 28,19) — é dirigido a todos. Deus caminha com o seu povo, especialmente com os mais frágeis, e a Igreja é chamada a ser “tenda do encontro”, onde famílias e jovens encontram escuta, acolhida, formação e envio missionário.

81. Documentos como *Amoris Laetitia* e *Christus Vivit* reafirmam a missão e vocação desses dois sujeitos eclesiais: a família como santuário da vida e da fé, e o jovem como o “agora de Deus”. Ambos constituem verdadeiros espaços teológicos, onde Deus se revela e age. A sinodalidade, enquanto estilo eclesial, exige o fortalecimento dos laços intergeracionais e o cultivo da corresponsabilidade na missão evangelizadora.

82. A espiritualidade da tenda — móvel, aberta e enraizada — inspira uma ação pastoral misericordiosa, missionária e dialogal. Os desafios enfrentados não são apenas problemas a resolver, mas lugares teológicos onde o Espírito Santo já atua e impele a Igreja a responder com criatividade e fidelidade ao Evangelho.

83. É nesse horizonte que a Arquidiocese de Natal é chamada a alargar o espaço de sua ação evangelizadora junto às famílias e juventudes, reconhecendo nelas sementes do Reino e fontes de renovação pastoral, capazes de impulsionar uma Igreja mais viva, participativa e missionária. A família deve ocupar o centro da atividade evangelizadora, devendo ter uma consciência clara de sua identidade e missão especialmente na fase educação da infantil. (cf. DC 230) “As comunidades e lideranças devem procurar suscitar esta sede de caminhar através da capacidade de diálogo, de leituras da ‘sementes do verbo’, de posicionamento nos areópagos modernos”. (Doc 109, 147)

O Que Fazer

84. Promover o fortalecimento da vocação e missão da família e da juventude como sujeitos eclesiais, a partir de uma pastoral sinodal, missionária e misericordiosa, a serviço da esperança e da comunhão.

1. Ações Conjuntas

- a. Promover encontros intergeracionais entre casais e juventudes, como escolas da fé, círculos bíblicos, reuniões de espiritualização, etc.
- b. Criar projetos voltados para a escuta, reconciliação e esperança, com acompanhamento espiritual e psicossocial.
- c. Incentivar o protagonismo vocacional da família e do jovem, despertando para o serviço na Igreja e no mundo.
- d. Celebrar a fé em comunidade, com liturgias que envolvam famílias e juventudes, valorizando seus símbolos e linguagens.
- e. Inserir a proteção de crianças e pessoas vulneráveis como tema transversal na pastoral da juventude e da família, com capacitações e políticas claras.
- f. Fortalecer o Serviço de Animação Vocacional (SAV) como eixo transversal à pastoral juvenil e familiar.

- g. Valorizar e incluir a dimensão da afetividade, sexualidade e discernimento de estado de vida nas formações paroquiais.
- h. Assumir espaços de escuta, com proximidade e abertura às periferias existenciais dos jovens e das famílias, com ações concretas de solidariedade.

2. Ações para as Famílias

- a. Implantar itinerários contínuos de formação para casais e famílias, articulando catequese, liturgia e espiritualidade familiar.
- b. Implantar ou fortalecer os núcleos da Pastoral Familiar nas paróquias, em chave missionária e em diálogo com as demais pastorais e setores (Catequese, Juventude, Missão).
- c. Criar espaços de escuta e acompanhamento de famílias em situação de vulnerabilidade, com apoio psicossocial e espiritual.
- d. Promover formações para casais e famílias, com itinerários contínuos e vivenciais (pré-matrimonial, pós-matrimonial e de espiritualidade conjugal).
- e. Valorizar a família como "Igreja doméstica", fornecendo subsídios para momentos orantes e catequéticos no lar, especialmente com as crianças.
- f. Incentivar a participação de famílias nas missões populares, como espaço de espiritualidade e convivência intergeracional (envolver Famílias Missionárias).
- g. Incluir a temática do cuidado com a infância, com ações pastorais que promovam proteção, evangelização e protagonismo das crianças.
- h. Promover o envolvimento das famílias no caminho de iniciação dos filhos, especialmente na infância, através de reuniões de formação, grupos de estudo, leitura da palavra de Deus. (Cf. DC 232; Doc 109, 146)

3. Ações para as Juventudes

- a. Desenvolver uma pedagogia da escuta ativa e do protagonismo juvenil, com assembleias jovens, conselhos, encontros formativos, retiros e rodas de conversa.
- b. Criar núcleos de formação humana, vocacional e missionária, integrando os temas da vida real e da fé cristã.
- c. Utilizar a cultura digital como campo pastoral, com produção de conteúdo, formação de influencers católicos e campanhas digitais.
- d. Realizar experiências de missão jovem, como visitas e ações solidárias.
- e. Incentivar a articulação entre as Pastorais Juvenis e movimentos como EJC, EJAC, SEGUE-ME, Grupos Jovens locais.
- f. Criar ou fortalecer as Equipes Vocacionais Paroquiais (EVPs), em sinergia com o Serviço de Animação Vocacional (SAV), priorizando a juventude.
- g. Desenvolver itinerários vocacionais e espirituais, com retiros, direções espirituais e discernimentos de vida e missão.
- h. Fomentar a pastoralidade universitária, promovendo sua articulação com as Pastorais Juvenis, projetos de extensão e pesquisa favorecendo espaços de escuta nas universidades e escolas.

Eixo 4: AÇÃO SOCIOTRANSFORMADORA

85. O *Pacto Educativo Global*, lançado pelo Papa Francisco (2020), convida a sociedade atual a reavaliar, por meio da educação, o lugar do ser humano no mundo. Visa promover valores, como solidariedade e o cuidado para com a Casa comum – o Planeta

Terra. Fomenta o compromisso com um modo de educar integral ao considerar as múltiplas dimensões do homem – a totalidade da pessoa – e contribui com a construção de uma realidade transformada pelo amor que se traduz em ações concretas de bondade ao próximo.

86. As ações concretas de amor na educação são aquelas que humanizam as relações – a escuta, a compaixão, a justiça social, o acolhimento, o respeito às diversidades (culturais, religiosas, classe social, etnia etc.) – e tornam a comunidade educativa mais justa, empática, solidária e transformadora. Nesse sentido, no contexto do *Pacto pela Educação*, a Família, a Sociedade, a Escola e a Igreja devem estreitar o diálogo para que encontrem alternativas pedagógicas que garantam a transformação da realidade pela conversão do pensamento (egocêntrico – antropocêntrico) e a adesão a estilos de vida mais sustentáveis.

87. Documentos como o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja Católica (2011)* apontam reflexões sobre a ideia de que os processos educativos devem servir como via para a construção de uma nova mentalidade e não como um meio de reprodução da realidade, muitas vezes injusta e desigual, em vista do progresso de cada pessoa. Enfatiza, portanto, a importância da educação como sendo necessária para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

88. O Papa Francisco refletiu sobre o papel da educação como percurso indispensável para as mudanças imprescindíveis, a partir dos dramas atuais, em função de uma sociedade mais humana e solidária. Alertou para a crise no sistema de educação e evidenciou a importância de integrar saberes, cultura e formação sem perder de vista as setas dessa conjunção: a educação como direito humano universal, a missão da família na educação dos filhos, a educação integral e o humanismo solidário.

89. Na *Fratelli Tutti* (2020), o Papa Francisco propõe a educação como um ato de amor social que deve formar para o diálogo, o respeito a diversidade e o bem comum. A educação não deve servir apenas de instrumento à formação tecnicista, mas formar para o cultivo de humanidade.

90. Na *Laudato Si'* o Papa Francisco chama a atenção para o ato de educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente. Nessa perspectiva, o Papa reforça que “vários são os âmbitos educativos: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, e outros” (p.124, 2015), espaços estes, onde se pode lançar sementes e colher bons frutos para toda a vida, a partir de uma consciência aberta (nova mentalidade) para o sentido de pertença ao mundo onde se está inserido. Assim, a educação será ineficaz se não gerar uma nova mentalidade. Essa nova mentalidade passa pela *conversão ecológica, política, econômica e tecnológica*.

91. A *conversão ecológica* sugere um estilo de vida que reconhece: “tudo está interligado”. É a consciência desperta gerando autocrítica e instigando novos estilos de vida.

92. A *conversão para o amor civil e político* impele amor social que é a chave, nos moldes da narrativa da *Laudato Si'*, para um desenvolvimento autêntico, por considerar que “o amor a sociedade e o compromisso pelo bem comum são forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre os indivíduos, mas também “as macrorrelações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos”” (PAPA FRANCISCO, p. 132, 2015).

93. A *conversão econômica* reflete a *Economia de Francisco e Clara* que permite discutir sobre meios de produção cada vez mais sustentáveis e menos exploratórios. É a busca pela superação do modelo econômico vigente, que explora os pobres e destrói o meio ambiente, “para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10).

94. A *conversão tecnológica* propõe uma discussão sobre os desafios da cultura digital e a construção de uma ética que garanta o bom uso das novas tecnologias, da internet, redes sociais e inteligência artificial. Assim refletiu o Papa Francisco: “A imensa expansão da tecnologia deve ser acompanhada por uma adequada formação da responsabilidade pelo seu desenvolvimento.” (VATICAN NEWS, 2023). Os avanços tecnológicos não devem se tornar um risco à melhoria e qualidade da vida humana, ao contrário não poderão ser considerados sinais de progresso.

95. Outro ponto a considerar é a educação para o protagonismo juvenil que passa pela construção do Projeto de Vida que precisa fomentar horizontes comunitários – uma cidadania ativa. O Projeto de Vida não compreende apenas a formação tecnicista (para o mercado de trabalho), mas um caminho de autoconhecimento que permite os jovens se questionarem sobre a própria existência e sentido da vida significa formar para o comprometimento social que compreende o lugar da pessoa no mundo, o seu engajamento político e com as causas sociais e dos mais pobres.

96. Assim, como em uma aldeia educativa, a tarefa de educar é dever de todos e deve contribuir para a superação dos dilemas que vivemos – sociais, econômicos, políticos, ambientais e tecnológicos. Nessa perspectiva, a Arquidiocese de Natal é chamada a abrir espaço, na sua ação evangelizadora junto a sociedade, família e escola, para dialogar, estreitar laços institucionais, mapear a conjectura social local e propor como linhas de ação pastoral gestos concretos do *pacto pela educação*.

97. Há um conjunto de ações que somos chamados a realizar no âmbito da ação sociotransformadora, como indicadas nos passos a seguir.

O que fazer

1. Pacto pela Educação

a. Fomentar a educação ambiental e cuidado com a Casa Comum:

- i. Integrar grupos de base (infância, juventude e famílias) a projetos de educação ecológica integral, segundo a *Laudato Si'*.
- ii. Estimular a criação de hortas comunitárias, reflorestamento e campanhas ecológicas locais.
- iii. Envolver crianças e jovens em iniciativas de “ecologia do cuidado” nos espaços paroquiais e escolares.

b. Formação ética, digital e intercultural:

- i. Promover oficinas e seminários sobre ética cristã, inteligência artificial, discernimento vocacional e diálogo inter-religioso.

c. Juventude, vocação e futuro:

- i. Estabelecer parcerias com universidades e centros técnicos para orientação vocacional, formação cidadã e empreendedorismo social.

- ii. Criar espaços de escuta e protagonismo juvenil nos ambientes escolares, favorecendo sua inserção em conselhos de educação e ações pastorais integradas.

2. Ação caritativa:

- a. Incentivar a criação e fortalecimento das Cáritas Paroquiais como instâncias de articulação, promoção e execução das iniciativas sociais e caritativas.
- b. Mobilizar comunidades escolares e paroquiais em campanhas de solidariedade permanentes, como arrecadação de alimentos, roupas e material escolar para famílias em situação de vulnerabilidade.
- c. Promover mutirões sociais em parceria com instituições locais (prefeituras, associações e ONGs), oferecendo atendimentos de saúde básica, orientação jurídica e serviços comunitários.
- d. Estimular a participação de crianças, adolescentes e jovens em experiências concretas de voluntariado, cultivando a consciência de serviço e compaixão.
- e. Integrar ações de formação cidadã com a prática da caridade, favorecendo que a solidariedade se torne parte do processo educativo e pastoral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. **BÍBLIA** de Jerusalém. Paulus/SP. 2013.
2. **COMPÊNDIO da Doutrina Social da Igreja**. Paulinas/SP. 7ed. 2011.
3. PAPA FRANCISCO. **Encíclica Laudato Si'**. Paulus/SP, 2015.
4. PAPA FRANCISCO. **Fratelli Tutti**. Paulinas/SP, 2020.
5. VATICAN NEWS. **O Papa: que as formas de inteligência artificial sirvam a causa da fraternidade e da paz**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-12/papa-francisco-mensagem-dia-mundial-paz-inteligencia-artificial.html>>. Acesso em: 17 ago. 2025.
6. DOM JOÃO SANTOS CARDOSO. **Carta Pastoral: Segundo o Coração do Bom Pastor**
7. PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica EVANGELI GAUDIUM**
8. Constituição Pastoral pós Conciliar **GAUDIUM ET SPES**
9. CELAN. **Documento da Conferência de Aparecida**
10. DGAE – Doc. 109. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**
11. Nota do Dicastério para a Doutrina da Fé e para a Educação e a Cultura. **ANTIQUA ET NOVA**
12. Constituição Dogmática pós Conciliar **LUMEN GENTIUM**
13. IBGE. **Dados do CENSO 2022 sobre a Religião no RN**
14. **DIRETÓRIO PARA A CATEQUESE (DC)** – Pontifício Conselho para a promoção da Nova evangelização. São Paulo, Paulus, 2020.